

O PROCESSO DE EMANCIPAÇÃO DO SER HUMANO SOB O FOCO DE TRÊS DIAGNÓSTICOS DE ÉPOCA

Stefania Fachina ¹

Resumo

Este artigo objetiva apresentar e construir reflexões sobre o processo de emancipação do ser humano sob o foco de três diagnósticos de época: Iluminismo em Kant; Esclarecimento em Adorno e Horkheimer; e Ecologia de saberes em Santos. Para tanto, realizar-se-á o exercício de pensar sobre o conhecimento levando em consideração maneiras distintas de vê-lo. Em concomitância, procurar-se-á indicar quais são as potencialidades, lacunas e desafios que podem ser pensados para a construção de potenciais emancipatórios através de uma educação científica crítica, que impulsionem a formação de sujeitos críticos e autônomos e o exercício da consciência de estar no mundo e com o mundo. Pode-se dizer que Kant, Adorno e Horkheimer e Santos percebem o conhecimento conforme suas perspectivas filosóficas; a kantiana que valoriza o sujeito e o uso da razão, a crítica dos filósofos da Escola de Frankfurt e a pluralidade de saberes proposta por Santos.

Palavras-chave: Iluminismo; Esclarecimento; Ecologia de Saberes; Conhecimento; Emancipação.

THE EMANCIPATION PROCESS OF THE HUMAN BEING UNDER THE FOCUS OF THREE PERIOD DIAGNOSIS

Abstract

This article aims to present and build reflections on the human emancipation process under the focus of three period diagnoses: Enlightenment in Kant; Clarification in Adorno e Horkheimer; and Ecology of knowledge in Santos. Therefore, the exercise of thinking about knowledge will be carried out, taking into account different ways of seeing it. At the same time, an attempt will be made to indicate the potentials, gaps and challenges that can be thought of for the construction of emancipatory potentials through critical scientific education, which encourages the formation of critical and autonomous subjects and the exercise of awareness of being in the world and with the world. It can be said that Kant, Adorno e Horkheimer and Santos perceive knowledge according to their philosophical perspectives; the kantian one that values the subject and the use of reason, the critique of the Frankfurt School philosophers and the plurality of knowledge proposed by Santos.

Keywords: Enlightenment; Clarification; Knowledge ecology; Knowledge; Emancipation.

¹Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).



1. Introdução

Estamos imersos em um modelo de sociedade capitalista amparada por uma lógica racionalista-instrumental e que se mantém alicerçada por intermédio dos interesses do mercado de consumo. Diante disso, o conhecimento e os avanços tecnológicos, por vezes, surgem não para sanar as desigualdades e problemáticas sociais, mas sim para aumentar as dificuldades e deixar mais fracos os alicerces da vida. Não à toa, ao invés de progredirmos em direção a um estado verdadeiramente humano, estamos retrocedendo em direção à barbárie, bem como nos diz Adorno e Horkheimer (1985).

Historicamente, mudanças estruturais sempre ocorreram em todos os níveis sociais, inclusive no que tange à educação e aos processos formativos, os quais se relacionam diretamente com a construção pedagógica e cultural do ser humano. Contudo, cabe refletirmos em que medida e como os processos de formação do ser humano são concebidos, principalmente quando sentimos e enfrentamos problemas nas esferas política, social, econômica e ambiental.

Dessa maneira, este texto parte da seguinte problematização: como fazemos uso do conhecimento, da técnica e da tecnologia? Os utilizamos para o progresso e desenvolvimento humano ou para o retrocesso? Qual o tipo de educação estamos praticando e, conseqüentemente, qual o tipo de sujeito almejamos formar? Será que estamos caminhando para a construção de meios para que o processo de emancipação se materialize ou estamos sendo inviabilizados?

Para responder a esses e outros questionamentos, que surgirão no decorrer deste trabalho, irei recorrer a três diagnósticos de época, que se dialogados podem ser utilizados como complementares para a construção de um olhar totalizante em torno da reflexão e da construção de meios para o uso saudável e adequado do conhecimento (e seus produtos) e de uma educação científica crítica, com o intuito de identificarmos o existente apoiado nas oportunidades de emancipação, na práxis transformadora das relações sociais e na transição para sociedades mais justas e igualitárias. Trata-se, respectivamente, dos fragmentos teóricos: *Resposta à pergunta: o que é esclarecimento?*, de Kant, *Dialética do Esclarecimento*, de Adorno e Horkheimer e *Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes*, de Santos.

Por essa razão, nos tópicos que compõem este trabalho iniciarei apresentando de maneira breve como Kant entende o conceito de esclarecimento sob o foco do período das luzes. Em um segundo momento, as contribuições de Adorno e Horkheimer no que tange a dialética do esclarecimento e a problematização em torno da ciência moderna e da racionalidade técnica instrumental com viés de alienação e dominação. E, por último, o pensamento de Boaventura de Sousa Santos e o confronto da monocultura da ciência moderna ocidental com uma ecologia de saberes.

Importante salientar que embora os trabalhos referenciados possam sugerir diferentes perspectivas teóricas para alguns leitores, aposta-se aqui no diálogo e na complementariedade. Isso se faz necessário para ampliarmos as



possibilidades de construção de novas reflexões e contribuições para potencializar o nosso olhar em relação ao processo de emancipação do ser humano.

2. O esclarecimento em Kant: a saída do homem do estado de minoridade para o estado de maioridade

Iniciarei com a tentativa de interpretar breve e didaticamente como Immanuel Kant entende o conceito de esclarecimento (*Aufklärung*)¹. Importante (re) lembrar que essa obra foi publicada em 1783 e que o pensamento kantiano é compatível com a inclinação do pensamento de sua época: o Iluminismo. Sendo assim, o processo para o esclarecimento é fruto do Iluminismo, tendência que considera o pensamento esclarecido pela luz da razão.

Para tanto, qual foi a resposta dada por Kant (1985) à pergunta: o que é esclarecimento?. De acordo com o autor:

[...] o esclarecimento é a saída do homem de sua minoridade, da qual ele próprio é culpado. A minoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo (KANT, 1985, p. 100).

Em outras palavras, o que produz tal minoridade é o próprio homem. A permanência nesse estado de minoridade é culpa do próprio ser, que não consegue se desvincular de sua condição medíocre sem necessitar da ajuda de outros.

Kant (1985) em seus escritos defende o uso do próprio entendimento como possibilidade rumo ao esclarecimento. Contudo, não é processo fácil; a dificuldade em se desvincular do estado de minoridade está na facilidade de ser tutelado por outrem, uma vez que essa condição se tornou natural, intrínseca e enraizada nos indivíduos que não estão acostumados com o uso livre da razão, porque estão presos a fórmulas e preceitos, o que dificulta a libertação da condição de menor. Além disso, os indivíduos são incapazes de utilizar seu entendimento próprio, pois nunca permitiram ou insistiram nessa possibilidade, sendo essa mudança um terreno incerto, devido ao homem não ser e nem estar habituado a esse livre movimento.

Por isso, segundo o autor, as principais causas que impossibilitam o esclarecimento se encontram na preguiça, na covardia e no comodismo, visto que é mais cômodo não desprender de esforço, permitindo ser tutelado por outrem. Para as pessoas que estão acostumadas a receberem as coisas com facilidade, prontas e resolvidas torna-se difícil e doloroso renunciar a sua condição de minoridade.

¹ O termo filosófico alemão *Aufklärung* possui diversas traduções e multiplicidade de sentidos. Neste escrito adotarei o termo esclarecimento, consoante com a nota explicativa do tradutor Floriano de Sousa Fernandes: “[...] porque acentua o aspecto essencial da *Aufklärung*, o de ser um processo e não uma condição ou corrente filosófica ou literária, que a razão humana efetua por si mesma para sair do estado que Kant chama de “minoridade”, a submissão do pensamento individual ou de um povo a um poder tutelar alheio” (KANT, 1985, p. 100).



Por sua vez, Kant (1985) defende que é possível que um povo se esclareça, mas para que isso ocorra é preciso liberdade e autocontrole. Em essência, uma liberdade que tenha por base “fazer uso público de sua razão em todas as questões” (KANT, 1985, p. 104), ou seja, uma liberdade não limitada, não condicionada e que favoreça a todos. Portanto, para alcançar o esclarecimento o homem precisa de coragem e autonomia para fazer uso de seu próprio entendimento.

Oposto à essa reflexão kantiana, têm-se em vigência por todos os lados “não-rationais”, ordenando que se siga e obedeça ao que o outro delimita como possibilidade, limitando, assim, a liberdade. E é essa limitação que impede o esclarecimento, pois para o filósofo “o uso público de sua razão deve ser sempre livre e só ele pode realizar o esclarecimento entre os homens” (KANT, 1985, p. 104).

Não obstante, Kant (1985) faz a distinção entre o uso público da razão e o uso privado da razão. Por uso público da razão entende-se como o pensamento que o indivíduo realiza enquanto erudito, como o instrumento de diálogo entre os homens; já o uso privado da razão é aquele que se exercita enquanto cidadão. Nesse último caso, nem sempre o pensar por si e o raciocínio se fazem necessários, pois além da existência de leis prontas, é preciso obedecê-las. De certa maneira, o uso privado da razão limita o indivíduo, mas não impede o processo para o esclarecimento. Em outras palavras, o uso público da razão beneficia a sociedade como um todo, enquanto o uso privado é mais restrito, nem sempre com vistas ao bem comum.

Mediante esse cenário, Kant (1985) salienta que sua época ainda não é esclarecida, mas que os homens vivem em uma época em esclarecimento. Isso se dá devido ao fato de o homem não ser capaz de fazer o uso seguro e bom de seu próprio entendimento sem ser dirigido por outros. Mesmo em conjunto, os homens não são capazes de fazer uso livre de sua razão, principalmente no que concerne à religião.

Por intermédio das contribuições kantianas, podemos compreender o esclarecimento como possibilidade de formação para a autonomia da razão e emancipação do ser humano e como elemento para a libertação do homem do estado de minoridade, de tutelado por outrem. Uma vez que apenas o homem com liberdade de pensar e com acesso ao conhecimento pode livrar-se da condição de tutelado e encontrar o esclarecimento. Por isso, o esclarecimento pode ser apreendido como um processo de transformação do homem tutelado para o homem esclarecido e, para além, como um processo de racionalidade e liberdade. Também é possível refletirmos sobre a importância e relação do esclarecimento como categoria de educação, uma vez que ela tem papel crucial nos processos formativos culturais e pedagógicos e na construção do sujeito crítico e autônomo.

Ao transferirmos as considerações do autor para a época atual, podemos delinear que o homem tutelado é aquele submisso e comandado por sistemas e instituições, que ditam o que ele deve consumir, o que deve ter, como deve fazer, agir e pensar. São eles que se inserem em nossas vidas e ditam os modos

de ser e estar no mundo. Oposto a essa lógica, o homem esclarecido seria o sujeito crítico, autônomo e emancipado, que é capaz de pensar e decidir - mediante sua racionalidade e seu conhecimento -, o que é melhor e pior e o que é certo e errado para si próprio.

De fato, percebemos que o esclarecimento é um processo complexo, longo e lento e que prioriza a emancipação do ser humano, mas que ainda não chegou a atingir a todos ou a grande maioria das pessoas. Todavia, segundo Kant (1985), é com o esclarecimento e nele que precisamos buscar alcançar o caminho para o despertar em relação a nossa realidade concreta, para que assim possamos almejar por transformações e concretizá-las.

3. O esclarecimento em Adorno e Horkheimer: a ciência como racionalidade técnica-instrumental de dominação

No que tange as contribuições de Adorno e Horkheimer sobre o esclarecimento, tecerei algumas reflexões desses dois autores de herança marxista na *Dialética do Esclarecimento*, um dos estudos mais importantes da vertente teórica crítica da Escola de Frankfurt. Importante salientar que essa obra é um conteúdo carregado de historicidade, produzida em um período de declínio do movimento nazifascista, logo após a Segunda Guerra Mundial, mais especificamente em meados de 1944.

Adorno e Horkheimer (1985) produziram esse conteúdo como uma crítica ao Iluminismo, no que diz respeito a ciência moderna e a racionalidade técnica que se manifestam a partir do período das luzes. Pois, o Iluminismo tido como processo para o esclarecimento, não surgiu como uma possibilidade de rompimento com as trevas anteriores para suscitar o pensamento esclarecido pela luz da razão? Não seria o esclarecimento o elemento potencializador para a saída do homem de seu estado de menoridade, de tutelado por outrem? E, assim, transformar-se em homem esclarecido, emancipado e adquirir a maioridade? (KANT, 1985).

De fato, Adorno e Horkheimer (1985) não renegam o projeto de modernidade instaurado pelo Iluminismo, que é conduzido pela razão humana e a crença na ciência como potencializadores para o desenvolvimento e progresso humano, social e científico, que reverbera como uma maneira de emancipação do ser humano. Todavia, os autores nos conduzem a novos fundamentos teóricos e problemáticas históricas, principalmente quando a ciência e a racionalidade não cumprem a sua premissa principal e se transformam em instrumentos de alienação e dominação política, social e econômica. Dessa maneira, ao invés de caminharmos para a melhoria e resolução de problemáticas sociais, nos encontramos em épocas piores.

Para os autores "o programa do esclarecimento era o desencantamento do mundo. Sua meta era dissolver os mitos e substituir a imaginação pelo saber" (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 17). Contudo, eles identificaram que ao invés do projeto iluminista redimir o mundo pelo esclarecimento através da razão, ocorreu o inverso, dando origem a construção de uma sociedade repressora, violenta e totalitária. O processo de racionalização ao invés de libertar os

homens e transformá-los em seres autônomos, críticos e emancipados, lhes proporcionou o controle, a dominação e a alienação por cálculos e fórmulas. Por essa razão, ao invés do progresso, a barbárie.

Por esse ângulo e seguindo a concepção crítica dos autores, o desencantamento do mundo pode ser pensado da seguinte maneira: a ciência desencanta o mundo ao reduzir o mundo e a própria ciência a um conjunto de leis invariáveis. Ou seja, ocorre um processo de separação entre cultura e natureza e, como consequência, o homem passa a ter controle e domínio sobre a natureza, pois passa a conhecê-la. Dessa maneira, o desencantamento do mundo é produto do método científico, que é conduzido pela técnica e pela tecnologia, onde tudo é controlado e as incertezas são eliminadas.

O conhecimento se torna, portanto, cada vez mais uma fonte de poder, pois “a superioridade do homem está no saber” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 17). A partir do momento que o homem passa a saber, a conhecer e a entender como todas as realidades e dimensões se organizam, ele também aprende a dominá-las. Por isso, os homens são investidos através do esclarecimento na posição de senhores, com o intuito de livrá-los do lugar do medo em relação ao desconhecido. Assim, controlar o mundo mediante a ciência e a técnica equipara conhecimento e poder como sinônimos.

Por essa razão, eis aqui a grande problemática manifestada por Adorno e Horkheimer (1985): a ciência se torna uma técnica de dominação, não só da natureza, mas agora também do homem sobre o próprio homem, pois ela permite uma relação de poder através da racionalidade técnica, da instrumentalização, da calculabilidade e da utilidade. No entanto, importante ressaltar que isso não significa negar ou criticar o conhecimento, mas sim a maneira como as pessoas o utilizam. É necessário esclarecer para que as pessoas não façam uso do conhecimento para fins negativos, como por exemplo para a barbárie.

Ademais, os autores alertam que a cientificidade presente na modernidade acaba sendo considerada como a única e exclusiva forma de ser e pensar e em qualquer sistema sociopolítico em que o domínio do homem sobre a natureza se manifestasse, conseqüentemente também ocorreria a dominação do homem sobre o homem. Dado isso, “[...] o homem de ciência conhece as coisas na medida em que pode fazê-las” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 21), revelando-se como substrato da dominação.

[...] o esclarecimento sempre simpatizou, mesmo durante o período do liberalismo, com a coerção social. A unidade da coletividade manipulada consiste na negação de cada indivíduo; seria digna de escárnio a sociedade que conseguisse transformar os homens em indivíduos (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 24).

Portanto, não resta dúvidas de que para os autores o “esclarecimento é totalitário como qualquer outro sistema” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 32), no sentido de ser uma dominação total e que não aceita nada que seja diferente, estranho e não conhecido. Por isso que o conhecimento é poder, e o poder é

totalitário. Logo, o esclarecimento também. Não basta a alienação dos homens em relação aos objetos dominados ou a natureza, é necessário também interferências nas relações sociais de cada indivíduo consigo mesmo, sendo esta uma das consequências lógicas de qualquer tipo de sociedade que tenha como premissa uma roupagem científica e racional e que remeta a instrumentalização, a padronização, a quantificação e a uma lógica formal e uniforme.

Foi também a Indústria Cultural que fomentou um controle e dominação completos e ainda maiores sobre o homem, substituindo tudo pelos valores e razão de mercado, criando estímulos aos quais os sujeitos não conseguem responder e, com isso, permitindo serem modelados de acordo com as estruturas vigentes comandadas pela indústria mercadológica e seus artefatos culturais. O intuito da indústria cultural não é permitir reflexões e transformações de mundo, mas o inverso, é criar meios de impedimento de formação de impulsos que possam formar um sujeito pensante, crítico e de fato ativo (ADORNO; HORKHEIMER, 1985; ADORNO, 2002).

Se assemelhados, podemos encontrar a mesma problemática de mercado também refletida na ciência, na técnica e na tecnologia - quando usados para fins de alienação e dominação: responsáveis pelo controle e domínio da natureza e do homem, constroem um mundo de acordo com seus ideais, com base na formação de pensamentos mecanizados, automáticos e rasos, impossibilitando, assim, a reflexão crítica e os questionamentos de mundo mediante uma sociedade massificada.

Por intermédio desse paralelo, é por essas razões que o modelo de sociedade movida pelos interesses de mercado e pela racionalidade técnica, que busca sempre o progresso científico, por vezes, aumenta e escancara as desigualdades sociais, deixando mais fracos os alicerces da vida, permitindo denunciarmos como obsoleta a razão de ser da sociedade racional.

Posto isso, é possível pensarmos em uma racionalidade que não tome a natureza e as próprias relações como objetos distantes do mundo social humano? Que ao fazer uso da técnica e da tecnologia as assemelhe aos potenciais emancipatórios e contrários a alienação e dominação? Tais questionamentos nos fazem refletir como as pessoas se apoderam do conhecimento como categoria de poder para o processo de apropriação mediante a racionalidade técnica como mecanismo de regulação e anulação. Ao invés da redenção e libertação pelo esclarecimento, o que observamos é um caminho sendo trilhado para uma nova espécie de barbárie e que transforma o pensamento em coisificação, em mero instrumento.

A guisa de conclusão, o esclarecimento ao invés de buscar uma formação integral, plena e humanista do ser, permite a barbárie, uma igualdade fetichizada e a total mistificação das massas. Não visa uma formação do espírito, mas sim capacitar o indivíduo a viver em uma sociedade modelada e tecnicista. Para além, observamos uma radicalização originária com o Iluminismo no que concerne a formação do pensamento humano, que determina a aplicação do método científico como universal e impossibilita e invalida todos os outros tipos

de conhecimentos, rompendo com o caráter imaginário das interpretações de mundo.

4. A Ecologia de saberes de Boaventura de Sousa Santos: pluralidade de formas de conhecimento

Neste último tópico, dissertarei a respeito das contribuições de Boaventura de Sousa Santos sobre o pensamento abissal da epistemologia moderna ocidental (SANTOS, 2007), manifesta nos usos da ciência e da racionalidade instrumental, seus fragmentos e lacunas, bem como fazem Adorno e Horkheimer (1985). Em contraposição, a importância de uma epistemologia do sul alicerçada na construção de diálogos e na mistura com outras formas de saberes, que se fundamenta no conhecimento produzido por populações marginalizadas e inviabilizadas pela epistemologia ocidental, tida como hegemônica e universal.

Santos (2007) afirma que a colonização dos países do norte sobre o sul global desenhou uma linha fixa que dividia metrópole de colônia, onde: de um lado vigorava a regulação/emancipação e tinha como premissa a distinção entre o direito das coisas e das pessoas; de outro, a apropriação/violência, que só reconhece o direito das coisas, sendo humanas ou não. Portanto, a sub-humanização de uma das partes, deu condições para existência da sociedade universal, única e verdadeira. Nas palavras do autor:

A característica fundamental do pensamento abissal é a impossibilidade da co-presença dos dois lados da linha. Este lado da linha só prevalece na medida em que esgota o campo da realidade relevante. Para além dela há apenas inexistência, invisibilidade e ausência não dialética (SANTOS, 2007, p. 4).

De acordo com o autor, essas linhas começaram a se movimentar nos últimos sessenta anos, primeiro quando as colônias conquistaram sua independência e depois quando começaram a habitar as metrópoles. Esse processo apagou a linha clara entre o Velho e o Novo Mundo e vem gerando práticas confusas de apropriação/violência globais.

No campo do conhecimento, as linhas abissais invisibilizam teorias e práticas do sul a favor de uma ciência superior, hegemônica e universal. Essa invisibilização de outras culturas e modos de organização social produziu distanciamento em relação aos povos tradicionais, pois a visibilidade de uma única forma de conhecimento (do norte) se assenta na invisibilidade de outras formas que se distinguem, que se encontram do outro lado da linha (do sul).

É por essa razão que no campo do conhecimento moderno a mesma cartografia abissal a constitui, visto que a zona colonial, o outro lado da linha, é diminuída a crenças e comportamentos e por isso não pode ser reconhecida como conhecimento, porque “[...] a negação de uma parte da humanidade é sacrificial, na medida em que constitui a condição para a outra parte da humanidade se afirmar enquanto universal” (SANTOS, 2007, p. 10). Sendo assim, a criação e a negação do outro lado da linha são elementos integrantes de princípios e de práticas hegemônicas.



Nesse contexto, o conhecimento é legitimado pela academia e se torna ciência universal, mediante os seus processos, regras e dados metodológicos, colaborando para uma "monocultura do saber", que tem por base a produção da não-existência, ou seja, tudo o que está do outro lado da linha e que está fora dos padrões e critérios de verdade da ciência moderna ocidental é inviabilizado e desqualificado. Na visão do autor, é em função disso que a ciência é um instrumento epistemicida da modernidade, pois além de ser elemento potencializador para o suprimento de demandas sociais, ela marginaliza e descredencia todos os conhecimentos tidos como não-científicos e alternativos, normalmente colocados do outro lado da linha.

De acordo com Santos (2007), é preciso a construção de um novo pensamento, o qual ele classifica como pensamento pós-abissal. Para o autor, o pensamento pós-abissal necessita de rupturas radicais com as formas ocidentais de pensar e de agir, em um contra-movimento de globalização contra-hegemônica que ele chamou de *cosmopolitismo subalterno*, que:

Consiste num vasto conjunto de redes, iniciativas, organizações e movimentos que lutam contra a exclusão econômica, social, política e cultural gerada pela mais recente encarnação do capitalismo global, conhecido como globalização neoliberal (SANTOS, 2007, p. 20).

Ademais, o pensamento pós-abissal admite como pressuposto inicial a idéia de que a diversidade do mundo é infinita e que essa diversidade é destituída de uma epistemologia própria e, que por isso, "a diversidade epistemológica do mundo continua por construir" (SANTOS, 2007, p. 21), sendo um processo ininterrupto e em constante movimentação.

Para tanto, essa mudança paradigmática que representa uma nova forma de pensar poderá ser construída por meio de uma ecologia de saberes baseada no reconhecimento da pluralidade de conhecimentos heterogêneos, sendo a ciência moderna apenas uma delas e não a única e absoluta. Por isso, "a ecologia de saberes baseia-se na idéia de que o conhecimento é interconhecimento" (SANTOS, 2007, p. 23).

Em suma, a ecologia de saberes pressupõe: a co-presença, que significa que todas as pessoas do mundo são iguais e contemporâneas, não existindo um tempo linear; a pluralidade de formas de conhecimentos além do conhecimento científico; práticas científicas alternativas; a não existência de uma alternativa no singular; as formas de ignorância são tão interdependentes quanto às formas de conhecimentos; interação e interdependência de todos os saberes; inter-subjetividade, inter-escalaridade (escalas diferentes) e inter-temporalidade; escolha da forma de hierarquização do conhecimento e a tradução intercultural (SANTOS, 2007).

A ecologia de saberes, como proposta por Santos (2007), enquanto uma epistemologia pós-abissal não implica o descredenciamento ou rebaixamento do conhecimento científico vigente, mas sim a busca do diálogo e da credibilidade para os conhecimentos não-científicos, marginalizados e invisíveis. Trata-se de

explorar a pluralidade interna da ciência, com vistas a formulação de alternativas à dominação e à opressão dentro de cada realidade, uma vez que o conhecimento também é relação de poder. Por isso, uma concepção de conhecimento pós-abissal como uma ecologia de saberes:

[...] é provavelmente, a única forma de confrontar a nova e mais insidiosa versão do pensamento abissal identificada neste trabalho: a constante ascensão do paradigma da apropriação/violência no interior do paradigma da regulação/emancipação. (SANTOS, 2007, p. 33).

A ecologia de saberes permite uma visão mais abrangente em relação ao conhecido, bem como o desconhecido, ressignificando o pensamento pós-abissal para um profundo exercício de reflexividade e o rompimento com a racionalidade técnica-instrumental, com vistas ao reconhecimento dos saberes plurais e a participação integral e solidária na construção de ações emancipatórias que permitam a formação de sujeitos críticos e autônomos e, conseqüentemente, de outros mundos.

A superação do pensamento abissal pode ser transposta para o campo da educação e como ela funciona como recurso potencializador para a formação de uma racionalidade crítica - não tecnicista e não instrumentalizada -, de sujeitos pensantes e ativos, viabilizando a emancipação e condições minimamente adequadas de vida humana para além da realidade predominante, bem como as contribuições já encontradas em Adorno e Horkheimer (1985).

Em conclusão e por intermédio das reflexões do autor, podemos pensar sobre a construção de uma teoria crítica pós-moderna (apresentada como ecologia de saberes), que se constrói mediante uma tradição epistemológica marginalizada e que se fundamenta na possibilidade de diálogo e interconexões com as diversas formas de saberes e conhecimentos que conduzem o processo de emancipação, ao invés de poder e conhecimento como sinônimos, transformando-se, assim, em novo paradigma dentro de novas estruturas. Possibilitando, para além, ampliarmos o olhar para épocas atuais e futuras buscando sempre potenciais emancipatórios (que podem ser considerados por muitos como utópicos) e inter-relacionando-se epistemologicamente entre os conhecimentos.

5. Considerações finais

Para efeito de retomada dos objetivos deste texto, vimos em Kant (1985) que o esclarecimento é a saída do homem do estado de menoridade para o estado de maioridade, sendo uma atitude do homem de assumir o controle de sua própria vida por meio do próprio entendimento. Posteriormente, em Adorno e Horkheimer (1985), verificamos a afirmação de que o projeto iluminista apresenta lacunas e a problematização em torno do uso da ciência moderna e da racionalidade técnica que se transformam em instrumentos de alienação, regulação e dominação, e não de liberdade e emancipação. Por último, mediante o pensamento mais atual de Boaventura de Sousa Santos (2007), observamos

em suas contribuições o confronto da monocultura da ciência moderna ocidental com uma ecologia de saberes, que se baseia no reconhecimento da pluralidade de conhecimentos heterogêneos, ultrapassando o limiar da cientificidade tida como universal e fidedigna. Por essa razão, constata-se que os autores percebem o conhecimento de modos distintos e de acordo com suas perspectivas filosóficas.

Embora as obras referenciadas possam sugerir perspectivas teóricas dissemelhantes para alguns leitores, apostou-se no diálogo e na possibilidade de complementariedade para potencializar o propósito manifestado na tríade dos diagnósticos de época. Para tanto, importante refletirmos sobre a existência de uma configuração histórica, social e cultural de acordo com cada época e que quando dialogadas, similaridades e potencialidades podem ser encontradas e investigadas, como as já manifestadas neste texto: as possibilidades de formação de sujeitos críticos através do exercício de uma educação científica crítica para enfrentar a aparência do mundo concreto (e modificá-la) e o exercício da consciência de estar no mundo e com o mundo, pois assim é possível esperar a (trans) formação plena, integral e libertadora dos sujeitos e a construção de sociedades mais justas e igualitárias.

Ao aprofundarmos nossa investigação de acordo com as contribuições dos autores, observamos a introdução de novos elementos que nos fazem refletir de forma mais abrangente e totalizadora sobre nossa sociedade em seu estado atual e dos conhecimentos que lhe dão legitimidade. Para além, podemos transpor e refletir tais condições com o viés de ampliação da realidade presente - como tenho feito durante o texto -, para que possamos identificar os desafios e potenciais emancipatórios aqui e agora e resistir para que o conhecimento seja sinônimo de emancipação, autonomia e liberdade e não de alienação, regulação e dominação. Caracterizando-se, portanto, como um caminho a ser seguido em consonância com as transformações necessárias e descontinuidade com realidades que nos inviabilizam e o rompimento da exploração de nossos corpos, mentes e almas.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. **Indústria Cultural e Sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, Coleção Leitura, 2002.

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Capítulo I: O conceito de esclarecimento. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

KANT, Immanuel. Resposta à pergunta: o que é esclarecimento? **Textos Seletos**. 2. ed. Trad. Raimundo Vier e Floriano de Sousa Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1985.



SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do Pensamento Abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 78, p. 3-46, 2007.

Recebido em: 10 de dezembro de 2021.

Aceito em: 10 de abril de 2022.

Publicado em: 27 de maio de 2022.

